

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 04 – 2009, ABRIL
Assinatura até 31.12.09: 09 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

más que um reflexo mío, como guarda
la sal del mar la concha de la orilla.
Cáscara soy de mi, que en tierra ajena
gira, a la voluntad del viento hurafío,
vana, sin fruta, desgarrada, rota.
Miro a los hombres como montes; miro
como paisajes de otro mundo, el bravo
codear, el mugir, el teatro ardiente

José Julián Martí 1853-1895, Domingo Triste, Versos Libres,
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

¡Ven! En tu pecho cálido y brillante
mejor el oriental nardo transpira,
envuélvete en la larga cachemira
cual trigueña judía de Levante.
Blanca clámide al viento, exuberante,
sangrante el labio do el salterio gira...
¡Oh musa de Israel! Coge la lira
y canta el duelo de tu pueblo errante.
El aire de la patria allá revuela,
y al tocar en su brazo de alabastro
le susurra partir... y parte... y vuela...
Cual en el amplio mar descende un astro,
y allá, a lo lejos, su perfil se vela...
Solo queda un perfume, un canto, un rastro.
Castro Alves 1847-1871, Ester

Iba Rosa a vestirse y del vestido
una voz se desprende y le murmura:
– Muchas morimos de una muerte obscura
porque puedas tener rico tejido.
Continua arreglándose. Un gemido
le da el marfil, en queja y en tortura:
– Por ofrecerte inmaculada albura
en la selva mi cuerpo fue rendido.
Dice una perla de su collar fino:
– Para pescarme, cuantos parias, cuantos
murieron en el mar ¡que ruines suertes!
Y Rosa llora – ¡Oh desdichado sino!
¡Cada sonrisa es hecha de mil llantos,
cada vida se teje con mil muertes!
Carlos de Laet 1847-1927, Triste Filosofía

Tengo presente aquella noche en vela
de nuestra acongojada despedida;
el viento en la azulada amanecida
llenando fuerte la vibrante vela.
Distante, como en fondo de acuarela,
queda la quieta villa adormecida;
la luz de las estrellas, desvaída,
reverbera nerviosa por la estela.
Escena viva en la memoria leve:
los adioses amigos... ¡y te vas!
alguien susurra con su voz de nieve.
Sonrisas, bromas, cumplimientos... Mas
en cuanto me consuelan – ¡hasta breve!
los corazones gritan – ¡¡nunca mas!!
Silva Ramos 1853-1930, La Partida

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Ó velhice, eu que temia
que chegasses, de repente,
vivo em tua companhia
sem notar que estás presente!
Delcy Rodrigues Canalles, 9903,
Fanal Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Em minha cama gelada,
o espaço é tão grande e mudo,
que, ao tentar pensar em nada,
acabo lembrando tudo!
Denise Cataldi, 0902,
Quatro Versos: Rua Santa Marta 70
28633-080 – Nova Friburgo, RJ

Sou rico e bem talentoso;
à vaidade eu não me presto...
inteligente, formoso
e além de tudo, modesto!
Giva da Rocha, 0902
Trevo na Trova
UBT Seção de Taubaté

Ao ouvir quanto roncavas,
pensei, ao rolar na cama,
que a mata inteira serravas,
sem ter licença do Ibama!!!
Lacy José Raymundi, 0703
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Aquele olhar envolvente,
que com meus olhos cruzou,
fez qual a estrela cadente:
mostrou-me a luz... e passou.
Nádia Sanches Huguenin † 19.11.08
Ano I, 008, 13.12.08: BL Valetrova
CP 119: 12010-970 – Taubaté, SP

Dos beijos, do abraço terno,
das juras e ramalhetes...
de nosso amor, que era eterno
só me sobraram bilhetes.
Nato Azevedo, 0901
Binóculo: fone (85) 3257-5947
ivonildodias@secrel.com.br

Na calma da noite,
lua e Vênus aparecem
em meio à neblina.

No meio do pasto,
um espantalho dormindo –
ninho no chapéu.

A Páscoa em festejo.
Pratos sem conta na mesa...
E Cristo na cruz.

Outonal pintura:
– num dia que mal começa,
arco-íris no espaço.

Olho o céu de tarde...
– Andorinhas mergulhando
na brisa gelada.

O frio magoa,
deixando a rua vazia.
– Folhas amarelas.

Céu sem uma nuvem.
A madrugada se banha
em brilhos de estrelas.

Humberto Del Maestro, Trovas, Haicais e Poemas afins, 2007 – Endereço do Autor: Rua Aurora de Aguiar Ferreira 171, Apto. 702, Jardim Camburi: CEP 29090-310 – Vitória, ES

TEMAS DA SAZÃO OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

Um atordoamento
no meio da nevoa
carros se chocando.
Alba Christina

Por todo o quintal
um perfume se alastrando.
Amores-de-moça.
Analice Feitoza de Lima

Sorriso nos lábios
o seareiro contempla
o ceileiro rico...
Darly O. Barros

Cricrilar a espaços
no gramado.
Grilos se aproximam.
Manoel F. Menendez

Na estrada da serra,
nevoaça rente ao chão.
Carros devagar.
Mª Marlene N. T. Pinto

Carrinho na praia.
Garoto pede dinheiro –
quer milho cozido.
Renata Paccola

Nevoaça matinal
mal se vê os alunos –
entrada da escola.
Sérgio Matsumura



HAICUS E M FOLHA

Na chuva de ouro
olhar cobiçoso e atento
orquídea florida. M
Alba Christina

Refletindo na água
quase encostando no anzol,
dourado aparece. G
Analice Feitoza de Lima

Num leito de asilo,
uma anciã recebe flores.
É Dia da Sogra M
Angelica Villela Santos

Reflexos do sol
acentuam o dourado
que o dourado veste... G
Darly O. Barros

No Dia da Sogra,
elas se abraçam, sorrindo:
a sogra e a nora. U
Djalda Winter Santos

Braçada de flores
envolvendo o arvoredo –
orquídeas lílãs. U
Iraí Verdán

Turista aprecia,
na barraca junto ao rio,
dourado na brasa. M
Renata Paccola

Nas bodas de ouro
um almoço especial
dourado na brasa. U
Alba Christina

O geron levando
um ramallete de flores.
É Dia da Sogra. M
Analice Feitoza de Lima

No canto da sala,
atraindo atenções,
o vaso de orquídeas. U
Argemira F. Marcondes

No Dia da Sogra,
piadas pejorativas
ao redor da mesa... U
Darly O. Barros

Orquídea branca,
florezinhas já bem secas.
Vento vai levando. U
Fabiana Santiago

Mordida a isca
um dourado luta.
Brilho intermitente. M
Manoel F. Menendez

Pescador segura
com firmeza o molinete.
Dourado se agita. B
Roberto Resende Vilela

Xaxim esquecido,
seco, amarrado ao tronco
orquídea na caixa. U
Alba Christina

No rio piscoso,
singra a canoa do índio.
Dourado na flecha. A
Angelica Villela Santos

Três orquídeas se espreguiçam,
colorindo o verde. G
Darly O. Barros

Tarde de verão,
pai e filhos pescando...
– rebrilha o dourado! U
Denise Cataldi

Vaso pendurado
exibindo rara orquídea.
Passantes admiram. M
Flávio Ferreira da Silva

Na beira do rio,
fumaça cheirosa no ar,
dourado na brasa. D
Neuza Pommer

Entra e sai de gente
na sala de exposição.
Orquídeas premiadas. D
Roberto Resende Vilela

No barco, o dourado
garantindo, aos pescadores,
o almoço sagrado. M
Amália Marie Gerda

Agarrada a um tronco
de palmeira buriti,
a orquídea floresce. B
Angelica Villela Santos

Pescador, contente,
exibe enorme dourado.
Jantar garantido. G
Djalda Winter Santos

No Dia da Sogra,
família ao redor da mesa
no jantar festivo. G
Iraí Verdán

Orquídeas em flor,
apoiadas sobre o tronco,
enfeitam jardim. G
Renata Paccola

Perfumes e cores
tomam conta do salão.
Orquídeas expostas. D
Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito **no momento da ocorrência**, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos*.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.09, enviar até 3 haicus de quigos: Aipim, Dia do Trovador, Urubu.
Até o dia 30.05.09, enviar até 3 haicus de quigos: Dia dos Pais, Folha seca, Frente Fria.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão! – Não deixe para amanhã, o que puder fazer agora!

Os grilos pulando nas roseiras do jardim, ficam perfumados.	Manacá cheiroso. Suas flores brancas e roxas, manjar de abelhas.	Na beira da praia, a solitária paineira compõe o cenário.	Nos jardins e praças não perde o seu colorido: – hibisco formoso.	Final da estação – surgem os figos no arbusto que mamãe plantou.	Divorciada chata discutindo com o genro... É Dia da Sogra.	Salão elegante. Senhoras bebem licor de folhas de figo.
Ailson Cardoso de Oliveira	Cecy Tupinambá Ulhôa	Djalda Winter Santos	Humberto Del Maestro	Irai Verdan	João Batista Serra	Walma da Costa Barros

O DEPOIMENTO DA SENHORA MARONE

Rubens Francisco Luchetti: Os Policiais, Antologia do Conto Policial Brasileiro, Sandra Lúcia Reimão, Editora Soma Ltda., 1984.

Este é o relatório policial da Sra. Harry Marone, na Delegacia de Polícia, a respeito dos acontecimentos concernentes à morte de seu marido.

O Inspetor Distrital fez as perguntas.

P – Sra. Marone, sabe por que somos forçados a fazer-lhe algumas perguntas concernentes à morte de seu marido?

R – Sim. Porque exatamente antes do pobre Harry morrer houve um pequeno problema em nossa casa e o senhor quer saber qual foi. Mas, posso explicar tudo.

P – A senhora estava presente quando seu marido morreu?

R – Vi aquilo acontecer. Harry morreu porque tinha estômago fraco e telefonei a polícia imediatamente.

P – Sra. Marone, a senhora sabe o que causou a morte de seu marido?

R – Eu poderia chamar a isto um ato de Deus.

P – Por favor, explique o que quer dizer por “um ato de Deus”.

R – Quero dizer, é algo que eu vinha rezando... Não, não quero dizer isto. Quero dizer, alguma coisa que somente aconteceu, um acidente.

P – Sra. Marone, quando o Delegado da Corte abriu a caixa dos depósitos de seu marido no Banco, encontrou o seu testamento e uma carta endereçada à polícia com a caligrafia de seu marido.

O testamento deixa seus bens para certas instituições de caridade, se seu marido sofresse morte violenta. A carta avisa a polícia que a senhora seria, provavelmente, responsável se ele sofresse um acidente fatal. Pode explicar isto?

R – Oh, sim. Posso explicar tudo. Eu queria que Harry fizesse um seguro de acidentes. Então, ele fez seu testamento e escreveu aquela carta à polícia. Disse que aquilo era o melhor seguro que ele podia fazer.

P – Sra. Marone, quando a polícia chegou cinco minutos após seu telefonema, acharam seu dormitório em grande desordem. Alguém tinha usado uma barra de trinta e seis polegadas para despedaçar um grande guarda-roupa de madeira. A porta trancada foi arrancada e a madeira espedaçada por pancadas violentas.

O cadáver de seu marido estava deitado no chão e em sua cabeça havia um ferimento causado por algum instrumento sem corte. Sra. Marone, deu no seu marido com aquela barra?

R – Oh, não! Era muito pesada para eu levantá-la. Além disso, aquele pequeno choque não lhe doeu. Se desejasse matá-lo, poderia ter usado minha pistola. Harry fazia-me guardar um revólver na casa.

P – Onde está essa arma agora?

R – Aqui na minha frásqueira. Aqui está. Não tenho medo. Não está carregada.

P – Tem permissão para andar com este Colt calibre 32?

R – Aqui está a licença. Harry queria-a em meu nome.

P – Há traços recentes de pólvora queimada no cano da pistola. Quem esteve atirando?

R – Harry usou-a em me irmão, Joe. Foi alguns meses atrás. E hoje ele quebrou o guarda-roupa para pegar o corpo de meu irmão. Disse que queria atirá-lo no rio. Mas, esperava encontrar um outro cadáver lá, também.

P – De quem era esse outro corpo que seu marido estava procurando?

R – Alguém que estava fazendo chantagem com Harry.

P – Por que estava seu marido sendo alvo de chantagem?

R – Alguém afirmou que sabia de tudo sobre o tiro que ele deu em meu irmão.

P – Por que seu marido baleou seu irmão?

R – Meu irmão foi para a cadeia como duplê de Harry, e Harry prometeu pagar-lhe cinqüenta dólares por semana durante todo o seu tempo de prisão. Então, não pagou e ficou com medo de que meu irmão lhe arranjasse alguma embrolhada. Foi por isso que me deu a arma. Mas quando baleou Joe, não sabia absolutamente quem era.

P – Esta é uma serie terrível de acontecimentos, Sra. Marone. Estou com receio de que a senhora tenha de começar de novo. Quando começou toda a encrenca?

R – Principiou logo que eu e Harry nos casamos. Harry desposou-me para que eu não pudesse ser forçada a testemunhar contra ele.

P – Testemunhar contra ele?

R – Sim, por ter comprado meu irmão para ficar na cadeia por ele.

P – Qual a causa da sentença de prisão?

R – Harry estava no Canadá, manejando um serie de telefones, um “quarto fervente”, como ele chamava aquilo, a fim de vender minas de ouro para investidores nos Estados Unidos. Não pôde ser preso

no Canadá. Mas, quando desceu para Nova York para receber algum dinheiro, os investigadores do correio do Estados Unidos vieram atrás dele. Então Harry arranjou meu irmão Joe para personificá-lo. Joe cumpriu dois anos em Atlanta. Então, Harry disse que não podia permitir-se pagar a Joe todo aquele dinheiro e continuar dando-me os pequenos luxos que eu gostava. Harry sempre me disse coisas doces como esta, como quando matou Brucie.

P – Quem era Brucie, Sra. Marone?

R – Brucie era meu querido, lindo, cão de caça marrom e branco. Eu amava Brucie. Ele tinha olhos castanhos tão gentis, e orelhas longas, tão sedosas... Brucie dormia ao lado de minha cama todas as noites. Mas, uma noite, Harry pisou em Brucie e Brucie saltou tão subitamente que Harry levou um tremendo tombo. Depois disto, Harry fez Brucie dormir no porão.

Dois semanas depois, ao levantar-me da cama, pus os pés exatamente sobre o pelo macio, branco e marrom, de Brucie. Senti terrivelmente aquilo. Harry tinha mandado tirar a pele de Brucie e mandado fazer um tapete para mim. Explicou desejar que eu tivesse alguma coisa para recordar Brucie.

P – Agora, voltando à ocasião em que seu marido atirou em seu irmão Joe, quer dar-nos detalhes, Sra. Marone?

R – Isso foi exatamente depois de meu irmão Joe sair de Atlanta. Joe veio perguntar-me se eu podia persuadir Harry a pagar-lhe o dinheiro que tinha prometido. Harry não estava em casa. Era noite e Joe e eu nos achávamos sentados no quarto, com as luzes apagadas porque os mosquitos estavam terríveis. Disse a Joe que poderia haver algum barulho se Harry o visse.

Harry silenciosamente subiu as escadas e viu alguém sentado no peitoril da janela, com o braço ao meu redor. Era somente meu irmão Joe, mas Harry não sabia disso. Pegou meu revólver e atirou em Joe bem de perto. Joe caiu do peitoril da janela ao chão e nunca mais se moveu.

Gritei para Harry: – Chame um doutor, faça alguma coisa! Veja se ele ainda está vivo!

Mas Harry nem chegou perto dele.

P – Por que seu marido não se aproximou?

R – Por causa de seu estômago terrivelmente fraco: Harry não podia tocar em qualquer espécie de corpo morto, mesmo de um rato. Isso o deixava horrivelmente doente. Num barco de pesca, Harry precisava ter alguém para apertar as iscas para ele.

P – Sra. Marone, por que não informou esse assassinato a polícia?

R – Oh, eu não podia. Eu amava muito ao meu marido.

P – O que aconteceu ao cadáver do seu irmão?

R – Harry estava muito zangado comigo porque pensava que eu o estava traindo.

Disse-me: Vou para Atlantic City por uma semana. Você pode livrar-se desse corpo da maneira que mais lhe agrade. Nem quero saber quem era o homem, porque tenho muita consideração por seus sentimentos.

E eu disse: – Sim, Harry, mas necessitei de muito dinheiro para tomar conta deste cadáver. E ele deu-me bastante dinheiro e eu arranjei tudo otimamente.

P – Como a senhora arranjou tudo?

R – Quando Harry voltou de Atlantic City, mostrei-lhe um grande e pesado guarda-roupa novo que um carpinteiro tinha construído por minha ordem. Disse-lhe que havia pago a um empresário fúnebre para preparar o corpo de Joe e nada dizer a esse respeito, e que agora ele estava selado e trancado dentro do guarda-roupa e nunca aborreceria ninguém.

Então, Harry disse que estava ótimo e mandou-me mover minha cama para o mesmo quarto e dormir lá. Mas não me importei porque sabia que tudo estava certo. Mas disse a Harry que o homem era Joe e ele falou-me que sentia muito.

P – A senhora disse que quando seu marido quebrou o guarda-roupa esperava encontrar um segundo cadáver ali, não, Sra. Marone?

R – Oh, sim. Explicarei isto. Duas semanas depois que o guarda-roupa foi feito e fechado, Harry recebeu um telefonema anônimo. O homem que chamou disse saber de tudo sobre o cadáver embalsamado fechado dentro do guarda-roupa, o nome do empresário fúnebre que fizera o serviço e o calibre da pistola usada no assassinato. E isto iria custar a Harry cem dólares semanais e o homem deveria ir em casa às oito horas, naquela mesma noite, para combinar o pagamento da primeira semana.

P – O seu marido baleou o chantagista?

R – Não. Harry tinha muito dinheiro e queria tempo para pensar.

O homem foi aquela noite, fazendo o mesmo cada semana e, em cada ocasião, Harry dava-lhe cem dólares. O homem usava um lenço no rosto para que Harry não pudesse identificá-lo se o visse à luz do dia.

P – Quando foi que seu marido atirou no chantagista?

R – Harry pagou-lhe cem dólares semanais durante dez semanas. Então, disse-me: – aquele rato arrancou mil dólares de mim e isto é o bastante.

E quando o homem veio novamente, Harry pegou minha arma e deu um tiro nele como tinha feito com meu irmão Joe.

P – E a senhora pôs esse corpo no guarda-roupa também?

R – Harry deu-me mais algum dinheiro e disse: – Estou de saída para Atlantic City de novo. Arranje este exatamente como fez com o outro. Somente deve conseguir que aquele agente fúnebre faça este mais barato para você, visto que está pegando todos os nossos serviços.

Harry esteve fora por uma outra semana e, quando voltou, tudo estava resolvido perfeitamente. Isto foi anteontem.

P – Por que seu marido quebrou o guarda-roupa, hoje, Sra. Marone?

R – Porque perdeu o controle dos nervos. Recebeu outro telefonema anônimo esta manhã e o homem que chamou disse que, uma vez que havia dois corpos agora no guarda-roupa, a coisa valia duas vezes mais e passaria em casa à noite para receber duzentos dólares.

Então, desligou.

Harry estava tão irritado que correu ao porão e peou aquela barra perigosa. Disse-me: – Eu vou me livrar destes dois cadáveres infernais, mesmo se tiver que carregar um de cada vez no ombro até o *subway* e jogá-los dentro da baía, do barco de passagem para Staten Island!

Então, começou a quebrar o guarda-roupa com a barra porque eu li tinta dito que estava trancado três vezes e eu tinha perdido a chave. Uma vez a barra deslizou e fez-lhe aquele ferimento na cabeça, mas aquilo somente tornou-o mais irado do que nunca.

Finalmente, a porta caiu. Quando Harry olhou para dentro do guarda-roupa não pôde falar nem produzir som algum. Sua boca abriu-se como a de uma ra. O rosto ficou vermelho, depois purpúreo e quase negro. Tudo de uma vez e ele caiu no assoalho. Foi quando chamei a polícia.

P – E o que foi que seu marido viu no guarda-roupa, Sra. Marone?

R – Ora, não havia nada dentro a não ser uma confortável poltrona com um escabelo, um abajur, uma mesinha de fumar com uma caixa dos melhores cigarros de Harry, uma garrafa de conhaque também, dois magazine com histórias de detetives e um ventilador.

P – O que aconteceu com os dois cadáveres, Sra. Marone?

R – Oh, lá não havia nenhum corpo, porque Harry finalmente não matou ninguém. Ele pensava tê-lo feito. Sempre conservo minha pistola carregada com cápsulas de pólvora seca porque tenho medo de armas de fogo. E o pobre Harry tinha um estômago tão fraco, que não podia nem pensar em tocar um corpo para ver se estava realmente morto.

P – Estamos entendendo que seu irmão Joe se fez passar por ambas as supostas vítimas assassinadas e fez chantagem com seu marido?

R – Aquilo foi somente uma brincadeira como aquela de Harry dando-me um tapete feito da pele de Brucie. E Joe não era um chantagista. Estava somente recebendo o dinheiro que Harry tinha prometido lhe pagar.

Joe costumava visitar-me às terças e sextas e, se Harry chegasse inesperadamente, poderia retirar-se para o guarda-roupa e ler histórias de detetives até Harry sair.

P – Onde está seu irmão Joe agora, Sra. Marone?

R – Dir-lhe-ei onde ele está. Mas o senhor não pode prendê-lo por nada. Não pode puni-lo por tomar o lugar de Harry em Atlanta, porque Harry está morto e seu caso encerrado

Agora mesmo, Joe está na loja do cortador de mármore encomendando uma pedra adequada para o túmulo de Harry. Dentro de poucas semanas Joe e eu nos casaremos.

P – Mas, a senhora disse que Joe é seu irmão. Ele é seu irmão?

R – Bem, quero dizer, Joe sempre foi como um irmão para mim. Sempre planejamos casar-nos algum dia. Joe disse que nenhum homem com pressão sangüínea como a de Harry podia viver muito tempo.

Estamos arranjando uma ótima pedra para a sepultura de Harry. Dois anjos no topo, com as asas duplamente cruzadas, e esculpido em baixo um epitáfio: – “Ele Foi Receber Sua Recompensa”.

Tudo sobe, que sinistro! – Do povo parte o lamento! A missão do tal ministro é mesmo Planeja... aumento?	Secretária de talento que busca alto salário, tanto mais terá aumento se menor o vestuário.	Meu trabalho, sem alarde, de enfrentar não tenho medo! Às vezes chego mais tarde... mas sempre saio mais cedo!	Depois de ser pesquisada o luso soube afinal que a água do mar é salgada por ter muito bacalhau.	Notas falsas recebi... – honesto não há ninguém! Eu, tão logo percebi, passei-as pra outro também!	Que todo homem tem seu preço, dizem... com certa razão! O pior é que conheço muitos em liquidação!
---	--	---	---	---	---